



Mundaréu

Série Conexão

Episódio #4 - MINIATURA vs GIGANTE: Tecnologias na escola

Roteiro: Irene do Planalto Chemin, Raylane Souza de Moura e Samara Lopes de Oliveira

Audiodescrição das músicas: Veronica Martins da Silva

Revisão da transcrição: Irene do Planalto Chemin

Legenda:

Blocos

Trilha sonora

Bloco 1: Apresentação

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas. A música inicia em evidência e depois fica ao fundo das primeiras falas do episódio]

SAMARA: Nossa, eu tenho tanto dever de casa pra fazer que não sei nem por onde começar!

RAYLANE: Eu também tô assim, amiga. Eu queria ter vários braços, várias cabeças pra conseguir fazer tudo ao mesmo tempo

SAMARA: E vários celulares, né? Porque o dever tá todo na plataforma agora.

[Som do droid R2D2, personagem dos filmes Star Wars]

RAYLANE: Tipo isso, parece que a gente tá virando um [efeito de voz robótica] robô, que só fica mexendo nessa plataforma pra fazer redação, estudar matemática, inglês, tudo né?

SAMARA: Sim, tamo virando [efeito de voz robótica] um robô, tipo um ciborgue né?
Ciborgue é aquele organismo meio máquina meio humano, sabe?

RAYLANE: Sei, o ciborgue é essa ideia de que as máquinas fazem parte do nosso corpo. Por exemplo, um coração artificial [som de batimentos cardíacos], ou um implante pra audição, sabe? São máquinas acopladas no nosso corpo.

SAMARA: É, e outro exemplo são os próprios celulares [som de notificação], ou os relógios inteligentes, que podem medir nossos batimentos cardíacos [som de batimentos cardíacos], contar passos e calorias [som de passos correndo], acompanhar nosso sono... É muito doido porque, ao mesmo tempo que essas tecnologias nos deixam muito conectadas [som de choque elétrico], também são formas de controlar tudo que a gente faz, sabe?

RAYLANE: É uma contradição, né? Mas é isso, tudo tem vários pontos de vista, nada é só ruim ou só bom. Talvez seja mais fácil ver a vida [efeito de voz robótica] como um ciborgue de várias cabeças, vários problemas e várias formas de resolver.

SAMARA: Aprendendo sobre as tecnologias digitais, fomos percebendo que um poder que elas têm é de se tornar muito grandes [som grave que remete a avião ou algo grande], ou muito pequenas [efeito sonoro rápido e agudo, que remete a algo pequeno], tipo o satélite e o microchip.

RAYLANE: Se tornando miniatura, muito pequeno, um microchip pode caber nos bolsos, no relógio ou até na pele de animais e pessoas.

SAMARA: E se tornando muito grande, como um satélite [som de satélite], pode mapear o mundo inteiro láá do espaço, através do GPS...

RAYLANE: É, querendo ou não, são tecnologias que estão no nosso mundo e nós temos que ter uma opinião sobre elas. Com o tanto de tecnologias digitais que tem à nossa volta, ou até dentro da gente, [efeito de voz robótica] como não dizer que somos meio ciborgues?

SAMARA: Acho que somos mesmo. Mas calma [Meme "pare!"]], antes de alguém achar que eu sou apenas uma máquina, deixa eu me apresentar direito. Eu sou a Samara, tenho 18 anos, eu sou uma mulher de pele preta clara, meu cabelo é crespo e eu uso óculos. Tô no 3º ano do ensino médio e minha matéria preferida é História. Eu sou uma das

pesquisadoras de Iniciação Científica Nível Ensino Médio, nosso projeto tá vinculado ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp.

RAYLANE: E eu sou a Raylane, tenho 16 anos, sou uma garota de pele parda, com os cabelos escuros, longos e lisos, estatura média. Eu tô no 2º ano do ensino médio e minha matéria favorita é Português. Também sou uma das pesquisadoras de Iniciação Científica do projeto, e você tá escutando o quarto episódio da série Conexão [efeito sonoro de choque e de plug-in], do podcast Mundaréu.

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas]

SAMARA: E pra entender esse poder de miniatura e de gigante, além de outros poderes que as tecnologias nos trazem, a gente chamou uma [efeito de voz robótica] liga de ciborgues rastreadores de tecnologias.

RAYLANE: Se apresenta aí, pessoal!

LEONARDO: Bom dia, gente. Meu nome é Leonardo. Sou um garoto negro de 1,80 m. cabelo black grande.

GABRIEL: Oi gente, bom dia. Eu sou o Gabriel, é, um cidadão preto também.

BEATRIZ: Bom dia, meu nome é Beatriz, eu tenho 17 anos e faço parte do Grêmio Estudantil da escola.

JEAN: Meu nome é Jean. Eu tenho 18 anos. Tô no terceiro ano do ensino médio

GABRIELA: Oi, eu sou a Gabriela. Tô no último ano

NICOLAS: Olá, meu nome é Nicolas. Tem 18 anos. Eu estudo no 3º ano do ensino médio.

RHAYZA: Oi, meu nome é Rhayza. Tô no 3º ano do ensino médio

ANANDA: Meu nome é Ananda.

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas]

Bloco 2: Poderes das tecnologias

RAYLANE: A gente foi pra uma escola pública de ensino médio de Campinas pra conversar com estudantes do 3º ano e do Grêmio Estudantil sobre as experiências deles com celulares e outras tecnologias digitais.

SAMARA: O que as tecnologias trazem pra gente? Será que podemos pensar em poderes?

RAYLANE: A informação é um tipo de poder [som de poder mágico]. Escuta só o que o Leonardo disse:

LEONARDO: O celular ele traz muito, muita informação. Isso pode ser uma coisa tanto boa quanto ruim. Querendo ou não, a gente tem as fake news, né? Por um lado bom, com tanta informação, a gente pode saber e se você tiver o conhecimento é, é melhor. É melhor.

GABRIEL: Conhecimento é poder, querendo ou não. É, também tem a questão, tipo, tem pessoal que usa o celular e fica com a cabeça enfiada no celular, acaba não vendo o tempo passar. Então, eu acho que, tipo, ela tem que saber que o celular, tipo é bom para você usar, mas tem um tempo limite, não ficar tipo 24 horas dependendo dele.

SAMARA: Essa voz que você escutou agora era do Gabriel. Concorde com ele?

RAYLANE: Outro poder que falaram foi de invisibilidade [som de poder mágico], você vai escutar a voz da Beatriz e depois do Jean.

BEATRIZ: Eu tava pensando sobre a questão invisibilidade. Tem a questão de ser invisível dentro do celular, dentro da rede social, por exemplo, na minha rede social eu sou invisível, não tem foto de perfil, não tem destaque, é conta privada, não tem nada. E tem a questão de você se tornar invisível estando em público só por estar com o celular na mão. Por exemplo, se uma pessoa ficar quieta num canto e tá mexendo no celular, ela tá praticamente invisível, porque ela não fala, não conversa e ninguém olha para ela. A pessoa consegue poder de invisibilidade só por estar com o celular na mão.

JEAN: Na internet é muito ruim, as pessoas são ruins, assim, grossas, elas pensam que por elas estarem escondidas elas podem falar mal das outras assim, e eu acho isso muito ruim. Eu acho que essas pessoas não têm capacidade de olhar na cara da pessoa que ela estão difamando e falar a verdade assim, elas são medrosas, na internet são uma coisa e na vida real são outra. Acho que isso é uma parte ruim desse mundo digital.

RAYLANE: A velocidade também é um poder [som de poder mágico]. Se liga no que o Leonardo disse:

LEONARDO: Tem muitas coisas no meu celular, principalmente, que puxam a nossa atenção e podem até causar ansiedade. Como por exemplo, alguns tipos de jogos viciantes ou jogos de aposta, que também não são muito bons ou até aplicativos que de vídeos rápidos, como, por exemplo, o TikTok, o CapCut e essas coisas. O celular em si, ele traz uma sensação de rapidez, então, quando a pessoa não tem o celular, uma pessoa que é viciada em celular não tem o celular, geralmente ela fica muito ansiosa, ela fica apressada, ela quer tudo ali no momento.

SAMARA: Sobre a velocidade [som de poder mágico], o Jean falou o seguinte:

JEAN: A rápida informação. Assim hoje em dia as pessoas conseguem acessar informações muito mais fácil e de forma muito mais rápido pelo celular, às vezes até sem pagar. Conseguir se comunicar com pessoas de lugares muito distantes, com muita velocidade, né, muito mais rápido, muito mais fácil.

SAMARA: Às vezes, usando o celular, a gente se sente muito pequeno [efeito sonoro rápido e agudo, que remete a algo pequeno], sozinho, sem importância, às vezes a gente se compara com padrões de beleza e se sente inferior.

RAYLANE: Por outro lado, também podemos nos sentir grandes demais [som grave que remete a avião ou algo grande], achar que somos superiores só porque temos mais seguidores, ou falar coisas sem imaginar o tamanho do estrago que pode causar na vida de alguém.

SAMARA: Então, pensar em poderes de miniatura e gigante também faz sentido na nossa relação com o celular. Escuta o que o Gabriel falou:

GABRIEL: Muita gente não consegue usar a tecnologia ao favor seu. Fica na bobeira, como redes sociais, querendo apostar. Em vez de usar para o benefício dele mesmo. Diminuir o tempo, em vez de ler um livro. Você também vê, tipo, notícia de curso que tão abrindo... Então, tipo, a tecnologia também, ela é uma arma muito boa dependendo do jeito que você usar e como manipular.

RAYLANE: Tem gente que só fica na bobeira com a tecnologia, mas dá pra usar ela de um jeito muito bom. Por exemplo: a música. Eu escuto o tempo todo, principalmente quando tô estudando. Parece que o meu foco melhora muito quando eu coloco o fone. **E isso tem explicação: a ciência mostra que escutar música ativa áreas do cérebro ligadas à memória e concentração. Então, tipo, não é só curtir — é usar a tecnologia a meu favor mesmo. A Beatriz e o Leonardo comentaram sobre a música:**

[Música tema “Conexão Ancestral”]: sequência melódica rítmica conduzida por um congo, trazendo uma influência afro-latina. Diferentes tons de percussão criam uma melodia instigante e profunda]

BEATRIZ: Eu escuto música o tempo todo. Quando eu tô estudando, para mim um foco para estudar e colocar fone. Eu copio muito mais fácil, entendo muito mais fácil as coisa. Eu uso fone de ouvido para conseguir me concentrar melhor quando eu tô fazendo algum tipo de lição.

LEONARDO: Bem, em questão da música, eu realmente, tipo, praticamente eu vivo escutando música. Eu realmente gosto muito da música. Principalmente as os Raps 2000 e mais questão das músicas afro e músicas mais tranquilas como clássicas, tipo piano **[som de piano]**, tipo violão **[som de violão]**, tipo até flauta de vez em quando **[som de flauta]**. Eu gosto muito da da sensação de estar na música, assim. Eu uso principalmente para quando eu for estudar ou para quando eu for focar em algum livro ou essas coisas, sabe?

SAMARA: Além de música, o pessoal também falou bastante sobre as fotos **[som de tirar foto no celular]**. O celular tem uma capacidade de armazenamento enorme, que nos permite guardar fotos e vídeos. Antigamente, as pessoas usavam álbuns impressos e depois, CDs e DVDs para armazenar suas memórias. Hoje em dia, podemos ter tudo isso na palma da mão! É igual o Gabriel disse:

GABRIEL: Então, tipo, querendo um celular tem muitas coisa boa, tem lembrança, tipo uma foto de um ente querido que já partiu, também tem aqueles momentos engraçados que já fazem muito tempo, então é uma coisa muito boa do celular também.

LEONARDO: Eu concordo 100% que a foto, ela praticamente captura o momento. Ela parece até que pára o tempo e você pode voltar ali a qualquer momento para lembrar.

SAMARA: Esse que você escutou por último foi o Leonardo, e tipo eu também sempre olho minhas lembranças do instagram e isso me traz uma sensação boa e nostálgica.. **Inclusive, no último episódio da nossa série vamos falar mais sobre a importância de guardar nossas memórias sem depender só dos aplicativos..**

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas]

Bloco 3: Proibição dos celulares nas escolas

RAYLANE: No início de 2025, foi promulgada a Lei nº 15.100 que proíbe a utilização do celular nas escolas, com algumas exceções como usar o celular para fins pedagógicos. Pra gente que tá no ensino médio, foi uma grande mudança pois durante toda a nossa trajetória escolar os celulares estavam muito presentes [som de várias notificações].

SAMARA: Essa lei tem seus pontos positivos e negativos na vida dos alunos. Por um lado, eu acho que foi bom para a concentração dentro da sala de aula, porque quando a gente tá com o celular por perto, nos distraímos facilmente.

RAYLANE: Por outro lado, isso impacta nas nossas atividades escolares, pois tudo agora é digital e fazer as lições pelo celular é mais prático do que pelos computadores fornecidos pelo Estado. É um desafio encontrar um equilíbrio entre o uso do celular e o estudo.

SAMARA: É, quando tiraram o celular da sala, foi uma mudança bem grande pra gente. A maioria já tava acostumado a usar o tempo todo — seja pra ouvir música, mandar mensagem ou até pesquisar alguma coisa da aula.

RAYLANE: Mas a real é que nem sempre o uso tava rolando da melhor forma. Tinha muita gente mexendo nas redes sociais durante a explicação, assistindo vídeo, jogando... e isso acabava tirando o foco, tanto de quem tava usando quanto de quem queria prestar atenção. Também rolavam umas situações meio complicadas, tipo filmar alguém sem autorização ou espalhar print no grupo.

SAMARA: No fim, o celular podia ser útil, mas também virava uma distração. Então, por mais que tenha sido estranho no começo, hoje dá pra ver que essa mudança fez sentido em alguns aspectos.

RAYLANE: Para entender melhor, conversamos com alguns colegas da sala, que compartilharam como essa mudança afetou o dia a dia deles. Dá pra ver que, mesmo com as dificuldades, o celular não é super-herói [música de super-herói] nem vilão [som risada maligna de vilão]. Escuta só a percepção do Leonardo:

LEONARDO: Sinceramente, eu percebi que mudou muita coisa tanto para o lado ruim quanto para o lado bom. O lado bom, assim é que muitas pessoas que eu vi que usava muito o celular ano passado e praticamente nem se socializava, eu vi que agora estão se socializando um pouco melhor do que o ano passado. Isso é uma coisa boa, que bom.

SAMARA: A Beatriz trouxe um ponto de vista importante sobre as pessoas tímidas:

BEATRIZ: Uma questão que eu percebi da diferença do ano passado é que as pessoas realmente estão interagindo mais entre elas, na questão da sala, no intervalo, tão conversando bem mais. É, prestando atenção nas aulas. Não estão fazendo lição [risonha], mas conseguem prestar um pouco mais de atenção nas aulas. Mas uma coisa que eu acho ruim é tipo assim, as pessoas que é tímidas, que não interagem com outras pessoas. No intervalo elas ficam sozinhas, eu não tenho quem conversar, não tenho o que fazer, que não pode mexer no celular.

GABRIEL: É, então, tipo, tem aqueles coisas boas e também coisas ruins, mas para mim o meu ponto de vista foi até bom, porque o pessoal começa a mais interagir, é, não, tipo, sai da escola sem não fazer amizade com ninguém, para ter alguém para conversar depois... Porque, tipo, querendo ou não, tem muita pessoa que usa o celular para fugir do mundo, da sociedade, para ter a sua própria bolha, o seu próprio mundo. Mas foi bom até, eu não falo que foi ruim, mas gera conflitos, brigas e vai de tempo a tempo, mas foi bom sim.

RAYLANE: Pois é, é igual o Gabriel falou agora, tem gente que até começou a se socializar mais e aproveitar melhor o tempo juntos. Mas é claro, ainda tem desafios pra quem é mais tímido ou que sente falta de usar o celular como um escape.

SAMARA: É... Antes o celular era só pra conversar com os amigos, marcar rolê, zoar... mas com o tempo, ele virou uma ferramenta meio perigosa também. Tinha grupo no whats que parecia mais uma arena de briga [efeito sonoro de ring de luta, vozes ao fundo torcendo, tambores trazendo atmosfera tensa e sons de golpes de luta]. Qualquer coisa virava motivo pra zoar alguém, espalhar boato, fazer print de conversa pra rir depois. E o pior é que, às vezes, isso saía do virtual e virava um clima pesado na escola.

RAYLANE: Agora, com os perfis de fofoca no Insta, isso só mudou de lugar. É tipo um paredão: todo mundo vê, comenta, julga. Quem tá no meio disso acaba ficando mal mesmo, tipo, se isola e tals... E nem sempre dá pra saber quem começou ou quem vai ser o próximo. Sobre isso, o Gabriel contou o seguinte:

GABRIEL: Ah, geralmente, tem aquele pessoal que faz, tipo, cria um grupo lá no Instagram, geralmente que chama fofoca, geralmente da escola. Então, geralmente, sai essas fofoca, ele descobre, acaba explanando aquela pessoa e a pessoa acaba não ficando muito confortável naquele ambiente, acaba, tipo, autoexcluindo ela mesma.

SAMARA: Às vezes a gente manda uma piada achando que tá sendo engraçado, mas pra quem tá lendo pode doer de verdade. Na internet tudo espalha rápido e uma simples zoeira vira motivo de exclusão. Tem gente que se afasta, que some das redes sociais só porque não aguenta mais ser o alvo. E a real é que ninguém merece se sentir assim por causa de uma publicação ou comentário.

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas]

Bloco 4: Plataformas educacionais

SAMARA: Quase todo mundo comentou que o celular é muito usado pra fazer os deveres de casa e atividades da escola, principalmente desde que começou o Centro de Mídias de São Paulo, a Sala do Futuro e outros aplicativos educacionais.

RAYLANE: A Sala do Futuro é uma plataforma digital usada no ensino público de São Paulo, que oferece atividades pedagógicas de acordo com a Base Nacional Comum Curricular e com o Currículo Paulista. A gente também usa outras plataformas, tipo Khan Academy pra matemática, o Speak para o inglês, Alura pra informática... Pra entrar nessas plataformas, a gente pode usar os tablets e computadores oferecidos pela escola, mas não pode levar pra casa... E também podemos entrar pelo celular.

SAMARA: A Beatriz contou qual é a visão dela sobre as tecnologias na escola:

BEATRIZ: Uma coisa ruim sobre a proibição de celulares e dessas coisas de tecnologia é porque nesse ano eles começaram a passar muito mais lição com a tecnologia: slide, coisa de PDF, essas coisas. E aí a gente precisa do celular. Aí como não pode dar celular, eles liberam um tablet que é da escola. Mas hoje mesmo na minha aula a gente foi usar o tablet e o tablet não funcionou. Nenhum tablet estava funcionando ou estava travando muito, a página não abria, ou a internet não estava funcionando. E aí a gente não conseguia usar o tablet e teve que usar celular. Então para mim não faz sentido eles proibirem o celular e colocarem mais lição de slide e tecnologia, se a gente não pode usar.

RAYLANE: Vocês sabiam que os tablets e computadores usados na escola são de uma empresa privada? No entanto, quem usa esses aparelhos diariamente percebe que a qualidade deles deixa a desejar. É importante questionar se essa parceria entre o governo e empresas privadas é benéfica para os alunos.

SAMARA: Também não é uma situação benéfica para os professores, que têm dificuldades de se adaptar a esses aplicativos. Então é importante a gente ressaltar que não é culpa dos professores, mas sim uma questão estrutural de organização do Estado.

RAYLANE: Vocês vão escutar agora a opinião da Ananda sobre algumas plataformas...

ANANDA: Normalmente, eu concordo com a ideia de proibirem os celulares, mas a ideia do Sala do Futuro, Speak, Khan, Alura essas coisas para mim é muito desnecessário, porque a maioria delas não ensinam em si. Elas só tentam passar algum estudo do que a gente está tentando apresentar. Então, normalmente, precisa fazer o inglês, mas não traduz para a gente que é do Brasil o que está se falando. Na matemática, eles só querem que a gente responda, mas não ensinam como é que faz. A maioria delas tá muito travada, todos eles.

SAMARA: A Gabriela complementou a fala da Ananda dizendo assim:

GABRIELA: Como você falou do inglês, realmente, a gente precisa do inglês. Só que o que eles passam pra gente é algo muito remoto, que nem o próprio vídeo é inteligência artificial. E tipo assim, a gente não tem explicação do que a gente precisa para entender a gente.

RAYLANE: Ou seja, estão passando conteúdos pra gente que são gerados a partir de inteligência artificial! [efeito sonoro de suspense] Como a gente vai realmente se conectar e aprender assim?

SAMARA: Aí, a Ananda deu a letra:

ANANDA: A gente tem muita coisa pra falar, principalmente de história, principalmente de geografia, mas sem os professores e sempre ficando somente nas plataformas, a gente perde muito dessas coisas. Matemática até vai, mas demora pra gente entender... Aí teoricamente, é um slide por aula, se você tem duas aulas no dia só dois slide pra você aprender, sendo que você não conseguiu aprendendo o da semana passada ainda... Tá tudo muito corrido, dessas coisas pra fazer o slide, mas se o professor tiver o tempo pra ele passar a atividade que ele separou, pra conseguir fazer um pouquinho de cada, aí melhoraria.

RAYLANE: Você vai ouvir agora as opiniões do Nicolas e da Rhayza:

NICOLAS: É ruim pela adaptação, que nem todo mundo têm tanta facilidade com acesso à internet. Segundo que é lotado de coisas que quem não tem experiência com a internet, não vai saber o que vai estar fazendo. Sem contar que é extremamente cansativo pro aluno, porque eles mandam trezentas mil coisas a cada 5 minutos. Mas não pode usar o celular em relação a isso. Aí tem que depender de um produto que eles disponibilizam, que é de péssima qualidade.

RAIZA: E por mais que tiraram o nosso celular e mudaram assim, eles poderiam entregar coisas boas pra gente, né? Tipo, o microfone que a gente usa nas aulas de inglês, nenhum microfone funciona, os computadores da escola nenhum funciona, a internet da escola em si é horrível, tanto para a gente quanto pros próprios professores. Então, eu acho que foi péssimo. Ou tira toda a tecnologia ou não tira nada.

SAMARA: Teve poucos elogios e muitas críticas pra essas plataformas educacionais, acho que só a redação online que foi elogiada. A gente escreve e envia a redação pela Sala do Futuro, igual a Ananda falou:

ANANDA: Até tem parte boa, que seria principalmente a redação que ajuda bastante pra gente fazer. Ali, ah, consigo fazer redação, pesquisa de atividade trabalho, principalmente, é bom.

RAYLANE: Enfim, tinha algumas coisas que o celular facilitava, igual o Leonardo e o Gabriel vão contar:

LEONARDO: O celular, ele nos ajudava muito a gravar matérias ou salvar o momento ali para a gente praticar, para a gente ir fazer depois ou quando ele tinha tempo.

GABRIEL: Também tem o grupo que alerta sobre provas, deveres, o que deve ser estudado, o que não deve ser estudado... Mas é mais questão do respeito mesmo, tipo, que tem que ter, que é uma mão de via dupla, querendo não.

RAYLANE: As tecnologias poderiam ser utilizadas de forma mais criativa na escola. Por exemplo, seria muito legal aprender a programar, mexer no Excel, gravar e editar vídeos...

GABRIEL: Proibir foi bom, mas tipo, eles não sabem repor o uso do celular, no caso, a tecnologia, o tablet não pega, não funciona... Aí depois quer reclamar com nós, falando que não estamos fazendo, né, atividades, o Centro de Mídia, a Sala do Futuro e muito outras. Mas, tipo, por mim, eu acho que o celular tem como usar para ensino, tipo, para você conseguir aprender alguma coisa. Mas todo começo tem um limite e o celular tem que ter isso também. Eles também tem que ter a calma que nós não consegue fazer tudo no tempo certo, mesmo nós sendo uma geração que é pra tecnologia.

RAYLANE: Eu concordo com o Gabriel, acho que dá pra aprender coisas legais com o celular, mas tem que ter um limite e a maioria das pessoas não sabe qual é esse limite.

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas]

SAMARA: A secretaria de educação tentou substituir o celular pelo tablet, mas como o pessoal falou, não tem tablet pra todo mundo na escola e muitas vezes eles estão estragados ou são muito travados. A gente acaba tendo que usar o celular pra fazer o dever de casa.

RAYLANE: [efeito de voz de robô] É tipo aquela história de ciborgue, é meio contraditório proibir os celulares e a gente precisar fazer tudo na plataforma.

Bloco 5: Sugestões de práticas

SAMARA: Tem várias outras tecnologias que poderiam agregar na escola, como arduino e maker, onde poderíamos montar projetos com sensores, luzes, motores, e programar tudo com algoritmos simples.

RAYLANE: Poderia ter mais investimento na aula de informática, ter professores especializados pra isso.

SAMARA: Eu imagino que tenham escolas que já usam essas ferramentas e várias outras, jogos virtuais e tal. Mas não são todas as escolas, por exemplo, na minha não temos quase nada disso.

RAYLANE: Na minha, eu já tive aula de maker no ensino fundamental, mas depois nunca mais... E tipo, até fazer um podcast, igual a gente fez esse, é um ótimo jeito de aprender sobre tecnologias como gravação, edição de áudio, escrita de roteiro...

SAMARA: Então amiga, no 3º ano a gente aprende sobre podcast na matéria de Artes e Mídias Digitais, é bem legal. A nossa coordenadora aqui da série Conexão, a Irene, até foi na minha escola pra fazer uma oficina de podcast com as turmas, ela passou várias dicas e fez uma dinâmica, foi interessante. E depois a gente gravou as entrevistas que vocês ouviram aqui.

RAYLANE: Sim, foi bem legal né? Eu amei conhecer outra escola e participar da oficina de podcast, entrevistando os outros estudantes. Sabe, fazer um podcast me fez desenvolver a criatividade, comunicação, socialização, aprender a olhar o mundo e as tecnologias de uma forma diferente...

[Música tema “Conexão Ancestral”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas]

SAMARA: Amiga juro e eu também aprendi muita coisa! Uma delas foi exercitar a escuta ativa, outra foi fazer pesquisas e preparar as perguntas para as entrevistas. A gente conheceu várias pessoas muito legais! E além de aprender, estamos compartilhando esses conhecimentos com vocês.

RAY: A gente viu que o assunto do celular na escola não é simples, né? Tem gente que sente que a proibição ajudou, outros que sentem falta, e ainda tem quem percebe os dois lados — o que é positivo e o que ainda precisa melhorar.

SAMARA: Talvez seja mais do que apenas dois lados, são vários lados, o que exige de nós aquele [efeito sonoro de voz robótica] espírito ciborgue de enfrentar as contradições de ser adolescente numa sociedade altamente digital.

RAY: E você aí que tá nos escutando... Se tivesse o poder de virar uma miniatura, bem pequenininho, ou um gigante enorme, o que você faria pra melhorar a sua escola?

SAMARA: A série Conexão foi produzida pela pesquisa “Acessos e usos da internet por adolescentes”, vinculada ao Labjor da Unicamp, com apoio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio. Participaram do projeto e apresentaram os episódios: Geovana Luna dos Santos, Kauan Alves da Silveira Aristides, Raylane Souza de Moura, Samara Lopes de Oliveira e Veronica Martins Da Silva. A Irene do Planalto Chemin fez a coordenação da série. A Daniela Manica, Clarissa Reche e Fernanda Mariah colaboraram na produção. Agradecemos à todas elas. Você pode acessar mais informações em: mundareu.labjor.unicamp.br